

# Vogais nasais em Latundê (Nambikwára do Norte)

*Nasal vowels in Latundê (northern Nambikwara)*

Stella Telles

Núcleo de Estudos Indigenistas, Universidade Federal de Pernambuco/CNPq



**Resumo:** Neste trabalho são apresentadas as vogais nasais na língua indígena brasileira Latundê, uma língua da família Nambikwará do Norte, falada no estado de Rondônia, por grupo homônimo. No Latundê há seis vogais nasais, sendo três nasais-laringais. A ocorrência dessas vogais é restrita à posição do acento, uma vez que em sílaba átona o contraste nasal é neutralizado. Outro aspecto que envolve as vogais nasais diz respeito à presença da coda nasal em quase todas as ocorrências da vogal nasal. Entretanto, a oposição em contexto linguístico idêntico e a existência de alguns casos de vogal nasal sem consoante nasal tautossilábica evidencia o status fonológico das vogais nasais.

**Palavras-chave:** Latundê; Nambikwára; Vogais nasais

**Abstrac:** This work presents the nasal vowels in Latundê, a Brazilian indigenous language, family Northern Nambikwara, that is spoken in Rondônia state, by homonymous group. In Latundê there are six nasal vowels, three of which are nasal/creaky voice. The occurrence of these vowels is restricted to the position of the accent. In the unstressed syllable the nasal contrast is neutralized. Another aspect involving the nasal vowels is related to the presence of nasal coda following the nasal vowel. However, the opposition in the same linguistic context and the existence of some cases of nasal vowels without a nasal consonant in the coda position shows the phonological status of nasal vowels in Latundê.

**Keywords:** Latundê; Northern Nambikwara; Nasal vowels

## 1 Introdução

A família linguística Nambikwára, cujas línguas são faladas na região sul da Amazônia brasileira (RODRIGUES, 1986), apresenta uma fonologia que pode ser considerada complexa, envolvendo vários processos segmentais e prosódicos, responsáveis por realizações fonéticas bastante distintas das formas subjacentes (KROEKER, 2001; TELLES, 2002, EBERHARD 2009). A família apresenta três ramos internos – Nambikwára do Norte, Nambikwára do Sul e Sabanê –, sendo este um trabalho sobre o Latundê, uma língua do ramo do Norte, falada por menos de 25 pessoas, que vivem na Terra Indígena Tubarão-Latundê, localizada no estado de Rondônia.

Em nível segmental, no Latundê se observam vinte e sete fonemas, dos quais onze são consoantes e dezesseis são vogais. Em nível prosódico, o correlato fonético do acento é o tom (*pitch*), constituindo um sistema prosódico conhecido na literatura como *pitch accent*. O acento é

lexical e a ele se combina o acento métrico, sensível ao peso silábico. Além disso, há um tom de nível que opera em processos morfofonológicos.

Os morfemas da língua, em sua grande parte, apresentam uma extensão relativamente curta. As formas de base dos morfemas geralmente se conformam em uma sílaba fonológica. Poucos são os morfemas constituídos por duas sílabas, e raros são aqueles formados por mais de duas sílabas. Os tipos de sílabas existentes definem o *template* (C)VV(C)(C).

As restrições fonotáticas e a natureza concatenativa da morfologia Latundê são responsáveis por grande parte dos processos fonológicos e morfofonológicos identificados. Os domínios fonológicos relevantes são a sílaba, o morfema e a palavra fonológica<sup>1</sup>. Dentre os processos fonológicos observados encontram-se a assimilação, a

<sup>1</sup> O termo *palavra fonológica* é usado neste trabalho para representar uma sequência de formas, muitas com independência lexical, que ocorrem em apenas um bloco fônico, o qual é sensível à aplicação das mesmas regras fonológicas que ocorrem no interior da palavra morfológica.

dissimilação, o fortalecimento, o alongamento vocálico, a fusão, a redução silábica, a epêntese e a harmonia vocálica. Sendo a maioria das bases lexicais do Latundê monossilábicas, o material segmental que na fonologia excede à sílaba fonética sofre algum dos processos mencionados, decorrentes das restrições fonotáticas da língua, em particular quando os morfemas lexicais recebem morfologia gramatical.

## 2 As vogais

No Latundê o inventário vocálico é maior do que o consonantal. Nessa língua há 16 vogais<sup>2</sup>, as quais se encontram dispostas no Quadro 1. Os exemplos que seguem o Quadro 1 ilustram as oposições entre os segmentos, observadas em ambientes idênticos ou análogos. Os símbolos utilizados seguem o IPA (Alfabeto Internacional de Fonética), os quais estarão presentes nas demais seções deste trabalho.

**Quadro 1**

Fonemas Vocálicos						
	Vogais simples			Vogais laringais*		
	Front.	Cent.	Post. (Arred.)	Front.	Cent.	Post. (Arred.)
Alta	i		u	ĩ		ũ
Alta Nasal	ĩ		ũ			
Média	e		o	ẽ		õ
Baixa		a			ã	
Baixa Nasal		ã			ã̃	

\* O termo “laringal” diz respeito ao traço *creaky voice*.

### Oposição dos Segmentos Vocálicos

#### /i/, /ĩ/, /ĩ/, /ĩ̃/

['ki:,re] 'quati'	['mi:,te] 'sumaúma, espécie de árvore'
['kĩ:,de] 'macaco noturno'	[he'mĩ:,de] 'couro'
	[ha'mĩ:,de] 'cobra, espécie'

#### /e/, /ẽ/

[e:'tã̃n] 'ele ralou'	[ke'jã̃,nde] 'caititu'
[e:'tã̃n] 'ele fez fogo'	[ke'jã̃,nde] 'jacaré'

#### /a/, /ã/, /ã̃/, /ã̃̃/

[ke'ja:,te] 'milho'	['awm,dã̃n] 'ele errou'
[ke'jã:,nde] 'jacaré'	[ã:,dã̃n] 'ele matou'
	[jã̃m,de] 'larva, espécie de'
['waj,te] 'amendoim'	[ã:,nde] 'marimbondo'
['wãj,te] 'açai'	
['aw,re] 'gavião grande'	['nã:,de] 'sangue'
[ãw'de] 'flecha'	['nã:,de] 'folha'

#### /o/, /õ/

[do:'rã̃n] 'ele morreu'	[ko'lo:,rã̃na] 'está cheirando mal'
['dõ:,rã̃n] 'ele quis'	[ko'lõko'lo:,nde] 'pintado'

#### /u/, /ũ/, /ũ̃/, /ũ̃̃/

['ju:,te] 'boca'	['ju:,te] 'está vivo'
	[jũ:,te] 'pé'
	['ũd,?nã̃] 'está cheirando'
['kũ:,nde] 'tímbo do campo'	[ũ̃n,da,nã̃] 'está longe'
['kũ̃:,nde] 'algodão'	[ũ̃n,dã̃] 'ele dormiu'

#### /i/, /ĩ/, /e/, /ẽ/

['i:,rã̃n] 'ele chegou'	[j:'tã̃na] 'está ventando'
['e:,rã̃n] 'ele olhou'	[ẽ:'tã̃n] 'ele fez fogo'

#### /i/, /ĩ/, /u/, /ũ/

['ni:,re] 'tipo de lenha'	[i:'rã̃n] 'ele mordeu'
['ny:,re] 'espécie de lagarto'	['u:,rã̃na] 'ele plantou'
['hu:,te] 'arco'	[i:,dã̃:da] 'está dura (carne)'
	['y:,n,dã̃n] 'está cheirando mal'

#### /i/, /ĩ/, /o/, /õ/, /e/, /ẽ/

['i:,rã̃n] 'ele chegou'	[e:'tã̃n] 'ele ralou'
['o:,rã̃n] 'ele misturou'	[ẽ:'tã̃n] 'ele fez fogo'
[õ:,h'dã̃na] 'está alto'	[e:,rã̃n] 'ele olhou'
	['o:,rã̃n] 'ele misturou'
	['õ:,h,dã̃na] 'está alto'

<sup>2</sup> Tradicionalmente, em estudos disponíveis das duas línguas Nambikwára (KINGSTON, 1979, para o Mamaindê/ramo do Norte; e de LOWE, 1961 e PRICE, 1976, para o Kitãulhu/ramo do Sul) apresentavam inventários de fonemas vocálicos bastante extensos, devido não apenas à admissão do contraste relevante entre vogais orais/nasais/laringais/nasais-laringais, como também à interpretação de que vogais consideradas com “segunda articulação” fossem segmentos únicos.

/e/, /ɛ/, /a/, /ã/, /o/, /ɔ/

[ˈwɛɡinĩ,de] ‘bacaba’	[.do:ˈrã̃n] ‘ele morreu’
[ˈwajɡinĩ,de] ‘jequitiba’	[ˈdɔ:ˈh.rã̃n] ‘ele quis’
[ˈde:te] ‘abelha’	[.da:ˈrã̃n] ‘ele caiu’
[ˈdɛːdã̃na] ‘está velho’	
[ˈda.rã̃n] ‘ele deitou’	

De acordo com o apresentado acima, a oposição entre as vogais define um conjunto de 16 segmentos, dos quais seis são nasais. As vogais nasais no Latundê ocorrem na posição do acento e são regularmente seguidas por consoantes nasais tautossilábicas, que ocupam a posição da coda silábica. A seguir são descritas as vogais nasais e discutido seu comportamento no sistema fonológico da língua.

### 3 As vogais nasais

Assim como as laringais, as vogais nasais são mais restritas em ocorrência do que as orais. Consequentemente, as vogais nasais-laringais se mostram ainda menos frequentes do que as suas equivalentes, sejam essas apenas nasais ou apenas laringais. Esse comportamento se adéqua à observação de Ferguson (1966: 18) ao considerar que interlinguisticamente as vogais nasais são muito menos frequentes do que as orais. Nesse sentido, o comportamento do Latundê não é surpreendente, no qual se observam as vogais laringais ocorrendo menos do que as não-laringais, e as nasais-laringais, por sua vez, ocorrendo significativamente ainda menos do que as contrapartes nasais ou laringais.

Dentre as 16 vogais fonológicas, há nasalidade subjacente em seis vogais, /ĩ, ã̃, ã̃, ã̃, ã̃, ã̃<sup>3</sup>, distribuídas em dois graus de abertura. As vogais nasais são contrastivas apenas na posição do acento. Fora dessa posição, as vogais orais átonas podem ser nasalizadas, como resultado de variação alofônica, decorrente da assimilação regressiva de consoante nasal adjacente. A seguir estão apresentadas as oposições de vogais nasais/orais:

/i/, /ĩ/, /ĩ/, /ĩ/	[ˈmi:te] /ˈmiʔ-ˈte/ ‘sumaúma, espécie de árvore’	[ˈkʲi:re] /ˈkʲi-ˈte/ ‘macaco noturno’
		/heˈnĩ:de/ /he-ˈmĩn-ˈte/ ‘couro’
	[ˈhaːmĩ:de] /ha-ˈmĩn-ˈte/ ‘cobra, espécie de’	
/a/, /ã/, /ã̃/, /ã̃/	[ˈawm,de] /ˈawn-ˈte/ ‘louro’	[.ã:ˈnde] /ã̃n-ˈte/ ‘maribondo’
	[ˈnã:de]  /ˈnã̃n-ˈte/ ‘sangue’	[ˈjã̃m,de]  /ˈjã̃wn-ˈte/ ‘espécie de larva’
	[.ã:ˈdã̃n] /ã̃n-ˈtã̃n/ ‘ele matou’	[ˈnã̃:de] /ˈnã̃n-ˈte/ ‘folha’
/u/, /ũ/, /ũ/, /ũ/	[ˈju:te] /ˈju-ˈte/ ‘boca’	[ˈjũ:te] /ˈjũ-ˈte/ ‘pé’
	[ˈkũ:ˈde] /ˈkũn-ˈte/ ‘algodão’	[ˈkũ:ˈde] /ˈkũn-ˈte/ ‘timbó do campo’
	[ˈjũ:ɡinĩ,de] /ˈjũn-kiˈnĩn-ˈte/ ‘granizo’	[ˈjũ:ˈdã̃nã̃] /ˈjũn-ˈtã̃n-ˈnã̃/ ‘está longe’

Em Latundê, como pode ser observado nos dados acima, a nasalidade é contrastiva para as vogais altas e para a central baixa /ĩ, ã̃, ã̃, ã̃, ã̃, ã̃/. As vogais nasais ocorrem, quase sempre, seguidas por consoante nasal tautossilábica. A restrição, quase categórica, em que se observa um ambiente nasal na ocorrência da vogal nasal, sugere que os segmentos vocálicos nasais sejam resultado de alofonia. No entanto, há oposição em ambiente idêntico entre vogais nasais/orais, com a presença da coda nasal seguindo ambas as vogais, como se observa nos exemplos a seguir: [ˈnã̃:de] /ˈnã̃n-ˈte/ ‘folha’ e [ˈnã:de] /ˈnã̃n-ˈte/ ‘sangue’. Diante da oposição, em sílaba acentuada e com coda nasal, entre vogal oral e nasal /aN/ ↔ /ã̃N/, com superfície [an, a:] e [ã̃n, ã̃:], respectivamente, torna-se plausível se considerar o status fonológico para as vogais nasais.

Apesar do contraste entre vogais orais e nasais, como foi visto acima, as vogais nasais, mesmo em posição de acento, podem ser realizadas sem nasalização (orais), enquanto que as vogais orais nunca ocorrem nasalizadas. A variação das vogais nasais, com realização oral, é

<sup>3</sup> De acordo com os estudos disponíveis, o Mamaindê (Nambikwára do Norte) e o Kitãulhu (Nambikwára do Sul) também exibem inventários de fonemas vocálicos bastante extensos, nos quais são considerados como contrastivos os segmentos que apresentam os traços oral/nasal/laringal, de acordo com as possibilidades combinatórias dos traços entre si. (KROEKER, 2001; EBERHARD, 1995, 2000, 2009; TELLES, 2002).

particularmente frequente na fala dos mais jovens<sup>4</sup>. Algumas vezes a variação dificulta a identificação, em nível do léxico, do traço subjacente nasal ou oral de uma dada vogal. Entretanto, o fato de as vogais orais nunca terem realizações nasais é suficiente para diferenciá-las consistentemente das vogais nasais, justificando, assim, a análise destas últimas como fonemas independentes. Assim, verificou-se que a regularidade de comportamento para respaldar o contraste nasal não está na realização nasal das vogais subjacentemente nasais, mas na impossibilidade de as vogais orais realizarem-se nasais, as quais se mantêm sempre orais, mesmo sendo seguidas por coda nasal:

- (01) ['nũ:<sup>h</sup>,re] ~ ['nu:<sup>h</sup>,re] 'sozinho'  
/nũh-'te/
- (02) [ã:n'de], \*[ã:n'de] 'espécie de maribondo'  
/ãn'te/

Fora da posição do acento, a nasalização é alofônica. A vogal oral realiza-se opcionalmente nasal pela assimilação da nasalidade regressiva da consoante nasal não tautossilábica, que ocupa posição de onset da sílaba seguinte. Os exemplos (03-05), abaixo, ilustram esse fato.

- (03) [kĩ'nĩ:da,tãna] ~ [ke'nĩ:da,tãna]  
/ka'nĩn-'tah-'tãn-ta/ 'esquilo grande'
- (04) [kã'mã:rãna] ~ [kõ'mã:rãna]  
/ka-mãh-'tãn-ta/ 'está molhada (roupa)'
- (05) [kõm'baj,te] ~ [kõ:'baj,te]  
/kown'paj-'te/ 'espécie de tatu'

No dado (05), acima, confirmando a ideia de que o contraste é restrito à posição do acento, verifica-se que o comportamento do ditongo oral seguido por consoante nasal é o mesmo daquele quando a vogal nuclear é nasal: realização nasal da vogal seguida por coalescência entre o glide e a consoante nasal seguinte /wn/. Além disso, a não existência de vogais médias nasais também reforça a ideia de que a subjacência da vogal [õ] de [kõ:'baj,te] 'tatu' é oral, e de que, portanto, a nasalização é irrelevante em tais contextos.

Não há variação alofônica de vogais orais na posição não-acentuada por nasalização progressiva:

<sup>4</sup> Assim como as glotalizações consonantais e as laringalizações vocálicas, muito frequentes na língua (TELLES, 2002), a nasalização das vogais apresenta maior variação na produção dos falantes mais jovens, que adquiriram a língua em contexto histórico e sociolinguístico imediatamente após o contato do grupo com o mundo ocidental, nos início dos anos 80 do século passado. Esse contexto, no qual ocorreram muitas mortes entre os mais idosos e a adesão compulsória ao português, por parte dos membros do grupo, desestabilizou a sociedade Latundê, e parece ter desencadeado/estar desencadeando alterações significativas na produção de fala dos Latundê.

- (06) [na.ga:'tã], \*[na.ga:'tãn]  
/nakat-'tãn/ 'ele escutou'

Os casos observados nos quais as vogais nasais ocorrem sem a presença de coda nasal, apesar de serem raros, também contribuem para a definição do traço subjacente nasal das vogais /ĩ, ã, ã/. As ocorrências para cada uma dessas vogais estão interpretadas e apresentadas abaixo.

**Vogal /ĩ/:** a ocorrência dessa vogal sem consoante nasal contígua foi identificada com base no comportamento do morfema /ĩ-/ , sendo esse uma raiz lexical semanticamente vazia, prefixada a morfemas classificadores nominais para funcionar como núcleo nominal:

- (07) [ĩkalo:'re] ~ [ĩgalo:'re]  
/ĩ-ka'loh-'te/  
RN-superfície plana /unidimensional-REF 'tábua'

*Há duas evidências para a subjacência de /ĩ-/ sem coda nasal:*

- a) Sonorização opcional da oclusiva velar /k/ (oclusivas se sonorizam obrigatoriamente quando precedidas por consoante nasal);
- b) Não alongamento da vogal /ĩ/ (vogais nasais, seguidas por coda nasal, são alongadas compensatoriamente) e, portanto, não ocorrência de variação do tipo [ĩ: ~ ãn] (caso a coda fosse subjacente essa flutuação seria possível).

**Vogal /ã/:** observada a partir do condicionamento morfofonológico dessa vogal no morfema /ãl-/ , prefixo verbal, com valor causativo/resultativo. Suas ocorrências estão ilustradas nos dados (08-12), abaixo.

- (08) [ã,low'tãna] ~ [a,lo:'tãna]  
/ãl-awt-'tãn-ta/  
RES-quebrar-IMPF-ANT 'está/foi quebrado (algo)'
- (09) [ã,laĩ<sup>n</sup>dãna] ~ [a,laĩ<sup>n</sup>dãna]  
/ãl-aj<sup>n</sup>-tãn-ta/  
RES-cortar- IMPF-ANT 'está/foi cortado (algo)'
- (10) [ã'lo:,tãna] ~ [a'lo:,tãna]  
/ãl-'lo?'-tãn-ta/  
RES-afundar- IMPF-ANT 'está/foi afundado (algo)'
- (11) [ãmũ'maj,nã]  
/ãl-mu'ma?'-nã/  
RES-sermanso-EST/  
ATUAL 'está/foi amansado (um animal)'
- (12) [ũ'ba:,tãna] ~ [ã'ba:,tãna]  
/ãl-'pat-'tãn-ta/  
RES-colocar-IMPF-ANT 'está/foi colocado (algo)'

*Interpretação para a subjacência de /ã/:*

Nos dados acima, pode-se observar que a realização do morfema resultativo [ãl-,ã-] está condicionada ao segmento inicial da raiz lexical à qual o prefixo se apõe. Se a raiz verbal iniciada por consoante, a forma de superfície do prefixo é [ã-]; se a raiz verbal é iniciada por vogal, a forma de superfície é [ãl-], a qual corresponde à forma subjacente /ãl-/. A existência, portanto, da vogal nasal seguida por coda não nasal se mostra como argumento válido a favor da subjacência da vogal /ã-/. Tal fato vem confirmar a inexistência de coda nasal no morfema resultativo, reafirmando o status fonológico das vogais nasais no Latundê.

Outro tipo de ocorrência da vogal central baixa nasal /ãl-/ pode ser confirmada na base do contraste entre os ditongos orais /aj, aw/ e nasais /ãj, ãw/, mesmo quando esses são seguidos por coda nasal, formando as sequências /ajn, awn, ãjn, ãwn/. A seguir estão apresentadas as oposições dos ditongos mencionados, as quais ilustram a existência da vogal central nasal /ã/ seguida pelos glides /j, w/ e pela consoante nasal /n/:

<b>/ãjn, ajn/</b>	<b>/ãwn, awn/</b>
(13) [nãj'de] ~ [nãj <sup>n</sup> de] /nãjn-'te/ 'pacu, espécie de peixe'	[jãwm,de] ~ [jãm,de] /jãwn-'te/ 'larva, espécie de'
(14) [aj <sup>n</sup> dãni] ~ [ãj <sup>n</sup> dãni] /ajn-tãn/ 'ele cortou (algo)'	[wawm,dãna] ~ [wõwm,dãna] /wawn-'tãn-ta/ 'está vermelho, amarelo'

**Vogal /ũ/:** observada a partir da constituição interna e comportamento do morfema prefixal /nũh-/, possessivo de 1 pessoa plural e de seu homófono /nũh-/, verbo adjetival 'estar só':

(15) [nũ:'hjũ,te] /nũh-'jũ-'te/ 1Pos-pé-REF	'nossos pés'
(16) [nũ:'haj,rãn] /nũh-'ajh-Ø-'tãn/ estar só ir 3S-IMPF	'ele vai sozinho'

*Evidência para a subjacência da vogal posterior alta nasal /ũ/ sem coda nasal:*

Como pode ser observado nos dados acima, a coda fricativa glotal /h/ é ressilabificada, quando se afixa à raiz iniciada por vogal ou glide. Esse processo confirma a existência da fricativa /h/ em coda, anulando a hipótese de uma consoante nasal nessa posição, uma vez que a sequência \*/nh/ é mal-formada na língua.

**4 Considerações finais**

Neste trabalho foi apresentado o status fonológico das vogais nasais no Latundê, uma língua da família Nambikwára, ramo do Norte, a partir dos condicionamentos de ocorrência desses segmentos. No Latundê as seis vogais nasais (/ã/, /ãj/, /ĩ/, /ĩj/, /ũ/, /ũj/) são restritas à posição do acento e ocorrem quase exclusivamente seguidas por uma consoante nasal tautossilábica na posição da coda. De acordo com o apresentado, apesar de a presença de uma consoante nasal favorecer o questionamento da subjacência do traço nasal para as vogais, as quais poderiam ser derivadas de regra, a oposição sistemática entre vogais orais e nasais, no mesmo ambiente, além da existência de alguns casos de vogal nasal sem consoante nasal adjacente confirma o status fonológico para as seis vogais nasais do Latundê.

Os estudos realizados por Eberhard (2009), Santana (2010) e Braga (2012), com outras três línguas Nambikwára do Norte, estreitamente aparentadas ao Latundê, sendo elas Mamaindê, Tawandê e Lakondê, respectivamente, demonstram comportamento muito semelhante ao Latundê. Além das vogais nasais, conforme o apresentado no corpo deste trabalho, o Latundê e as demais línguas irmãs apresentam o fenômeno da nasalização alofônica, quando a vogal não é acentuada, resultante da assimilação regressiva da consoante nasal em onset seguinte ou da assimilação progressiva, decorrente de espraiamento nasal do onset silábico, sendo esse último fenômeno particular do Latundê. Por outro lado, quando em sílaba tônica, a vogal oral nunca sofre o processo de nasalização, o que confirma e possibilita a identificação do contraste entre as vogais orais e nasais nas línguas da família Nambikwára.

**Abreviaturas**

**1** – primeira pessoa; **3** – terceira pessoa; **ANT**– anterior; **EST** – estativo; **IMPF** – imperfectivo; **P** – plural; **Pos** – possessivo; **REF** – referencial; **RES** – resultativo; **RN** – raiz nula; **S** – sujeito; **Ø** – morfema zero; \* – agramatical.

**Referências**

- BRAGA, Ana Gabriela Modesto. *Fonologia Segmental do Lakondê* (Família Nambikwára). 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- CLEMENTS, George. N.; HUME, Elizabeth V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, John A. (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 245-306.
- EBERHARD, David. *Mamaindê Stress*. Summer Institute of Linguistics e The University of Texas at Arlington, 1995.

- EBERHARD, David. *Mamaindé Pre-stopped Nasals: a Case of Vowel Dominance*. Manuscrito – Summer Institute of Linguistics, 2000.
- EBERHARD, David. *Mamaindé Grammar: A Northern Nambikwara language and its cultural context*. Utrecht: LOT, 2009.
- FERGUSON, Charles. A. Assumptions about Nasals; A Sample Study in Phonological Universals. In: GREENBERG, Joseph (Ed.). *Universals of Language*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1963. p. 9-39.
- KINGSTON, Peter. *On the Status of Morpheme Final Consonants*. Manuscrito – Summer Institute of Linguistics, 1979.
- KROEKER, Menno. A descriptive Grammar of Nambiquara. *International Journal of American Linguistics*, University of Chicago, v. 76, n. 1, p. 1-87, 2001.
- LASS, Roger. *Phonology: An introduction to basic concepts*. Cambridge: Cambridge University, 1984.
- LOWE, Ivan. Nambiquara. In: DIXON, Robert M.W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 269-291.
- PRICE, David. Southern Nambikwara Phonology. *International Journal of American Linguistics*, University of Chicago, v. 42, n. 4, p. 338-348, 1976.
- RODRIGUES, Aryon. Dall’Igna. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- SANTANA, Nelivaldo. C. *Descrição preliminar da nasalidade em Tawandê e comparação com outras línguas Nambikwára do Norte*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- SPENCER, Andrew. *Phonology*. Oxford: Blackwell Publishers, 1986.
- TELLES, Stella. *Fonologia e gramática Latundê/Lakondê*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Vrije Universiteit, Amsterdam, 2002.

Recebido: 28/2/2012  
 Aprovado: 30/4/2012  
 Contato: cmtelles@ufba.br